ORAÇÃO
ETHICA, E POLITICA
DA TERCEIRA QUARTA FEIRA DA QUARESMA,
que na Misericordia da Bahia anno 1742.
PRESENTE
O ILLUSTRISSIMO, E EXCELENTISSIMO SENHOR
ANDRÉ DE MELLO E CASTRO,
Conde das Galveas, e Vice-Rey do Estado do Brasil,
RECITOU
O R. P. M. FRANCISCO DE ALMEIDA,
Da Companhia de JESU
DEDICADA
AO SENHOR SARGENTO MÓR
THOMÉ DIAS DE SOUSA,
Juiz que foy ordinario da nobre Villa da Cachoeira.

LISBOA,
Na Officina dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM.
Anno M. DCC XLIII.
Com todas as licenças necessarias.

MICROFILMADO
___/___/___

BL
4745

AO SENHOR SARGENTO MÓR

THOMÈ DIAS DE SOUSA.

DEDICATORIA

BIBLIOTECA NACIONAL

HUM Orador apenas naſcido, e ainda infante neſta faculdade, como poderá andar, e diſcorrer pela dilatada eſféra, para on-

de o encaminha o empenho de V. m. ſenaõ ajudado de braços alheyos? E ſendo taõ neceſſario ao meu fraco talento eſte arrimo, onde o poſſo eu achar mais accommodado, ſenaõ na ſua nobre peſſoa, a quem tive em outro tempo por Director, e Meſtre dos coſtumes na primeira puericia, e agora buſco para patrono, e tutor deſta minha infancia Oratoria, dirigindo os primeiros brados do pulpito áquelles meſmos ouvidos, onde fizeraõ ecco os primeiros vagidos do berço. Eſte obſequioſo agradecimento me dicta com vozes mudas a meſma natureza, a qual coſtuma reſtituir as aguas aſſim dos grandes rios, como dos pequenos ribeiros, ao mar, de quem receberaõ aquellas primeiras correntes, que depois engroſſadas de outras veas eſtranhas chegaraõ finalmente a recrear os valles com brando ſuſurro, ou atroar os montes com ruidoſo eſtrondo. Por outro motivo ainda mais forçoſo naõ devera eu negar a V. m. eſte limitado obſequio: porque ſendo eſta Oraçaõ, que lhe conſagro, huma invectiva contra os Pretendentes ambicioſos, que deſtituidos de ſerviços querem a troco de liſonjas levar as honras, que ſe devem diſpenſar á razaõ de merecimentos; ficaria certamente o diſcurſo defectuoſo, e privado de exemplo para a imitaçaõ da independencia, e deſapego, ſenaõ propuzera o exemplar deſta virtude, gravando no frontiſpicio deſta obra o nome de V. m. em quem admiraõ os ſeus conterraneos os ſerviços ſem ambiçaõ da honra,

honra, e os merecimentos ſem eſperança do premio. Já diſſe hum grande engenho, que no noſſo Braſil naõ vogavaõ os principios da boa Filoſofia: porque enſinando eſta, que os habitos ſuppoem a potencia, e os actos antecedentes, neſta terra ſe viaõ habitos em ſogeitos, nos quaes nunca ſe vio potencia, e muito menos ſe admiraraõ actos. Se florecera neſte tempo, admirára em V. m. outra novidade oppoſta, com que ſe falſifica eſta ſua ſentença, naõ menos feſtiva, que picante, deſcobrindo no ſeu valor a potencia, e nos ſeus ſerviços os actos ſem ver pendente do peito hum habito. Mas aſſim ſuccede a quem ſegue aquelle diſcreto, e nobre dictame: Sat eſt meruiſſe, *contentando-ſe com o valor, e deixando para outros a valia. Viva V. m. ſempre com eſſe animo, e para que ſe confirme mais nos ſeus altos penſamentos, ponho a ſeus pés eſta Oraçaõ, na qual encontrarà naõ pequenos motivos de complacencia, e eſtimulos para a continuaçaõ da ſua independencia, deſprezo das honras temporaes, e ſequito ſómente das felicidades eternas.*

De V. m.
Humilde Capellaõ, e obrigado Servo

Franciſco de Almeida.

LICEN-

LICENCAS.

DA ORDEM.

EU Ignacio da Sylveira, da Companhia de JESU, Provincial da Provincia de Portugal: por commiſſaõ particular, que para iſſo tenho de N. M. R. Padre Geral Franciſco Retz, dou licença para que ſe imprimaõ dous Sermoens, hum com o titulo de *Oraçaõ Ethica, e Politica, da terceira quarta feira da Quareſma*, e outro *de Saõ Franciſco Xavier*, ambos compoſtos pelo P. Franciſco de Almeida da meſma Companhia, que foraõ examinados, e approvados por peſſoas doutas, e graves da noſſa Companhia. E por verdade dey eſta por mim aſſinada, e ſellada com o ſello de meu officio. Lisboa, Collegio de Santo Antaõ, aos 17 de Abril de 1743.

Ignacio da Sylveira.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Franciſco de Santa Thereſa Xavier, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi eſtes dous Sermoens, hum *da Terceira Quarta feira da Quareſma*, e outro *de S. Franciſco Xavier*, ambos prègados na Cidade da Bahia pelo M. R. P. M. Franciſco de Almeida, da illuſtre, ſabia, e exemplariſſima Companhia de JESU. E ſe a eſta Sagrada Religiaõ faz Deos depoſito da ſua ſabedoria, que por iſſo a veneramos, e reconhecemos por officina das letras, e Meſtra de todas as Sciencias; devo julgar, que eſtes Sermoens ſaõ taõ doutos, e cheyos de tanta eloquencia, como fabricados em tal officina, e por hum dos ſeus inſignes, e apurados artifices. Correſponde a experiencia ao meu conceito: porque neſtes dous Sermoens igualmente ſe admira a ſubtileza de ſeu Author, a fineza, e relevancia do ſeu diſcurſo, a eloquencia do ſeu eſtylo, o fundamento, e pezo das ſuas razoens, e a naturalidade, e pureza da ſua locuçaõ. Por eſta cauſa quiz perſuadirme, que o P. Meſtre Franciſco de Almeida herdou na Bahia

hia o engenho daquelle grande Orador, Principe da Oratoria, e Oraculo dos Pulpitos, o ſempre memoravel P. Antonio Vieira, da meſma Companhia, pois naõ ſe encontrarà neſtes Sermoens conceito, que naõ ſeja elevado, Eſcritura, que naõ ſeja propria, aſſumpto, que naõ ſeja ſingular, razaõ que naõ ſeja ſólida, e palavra, que naõ ſeja natural; artificio que raras vezes ſe acha em ſemelhante caſta de eſcritos, e que ſó ſe admira neſtes Sermoens, e nos do grande P. Vieira. Mas como no Sermaõ de S. Franciſco Xavier, ſe elevou o diſcurſo do P. Meſtre Franciſco de Almeida ſobre o conceito daquelle Oraculo; poſſo dizer, que ou participou dobrado o ſeu eſpirito, ou lhe deixou occulto no ſeu Engenho o que no ſeu tempo naõ quiz communicar ao noſſo deſejo. Aſſim imita hum Orador a outro Orador, e aſſim ſe vence com glorioſa emulaçaõ hum ao outro: mas para que a vitoria foſſe igual em tudo, devia a Companhia obrigar ao Author deſtes Sermoens, que com mayores volumes cheyos deſta ſua erudiçaõ ſagrada, fizeſſe taõ ricas as Frotas do Eſtado do Braſil, como as fazia no ſeu tempo com os Tomos dos ſeus Sermoens o P. Vieira, como advertio quem teve a honra de lhe cenſurar o quarto Tomo. E porque ambos os Sermoens ſaõ taõ pios, e Catholicos, que em tudo ſe confórmaõ aos dogmas da noſſa Santa Fé, e bons coſtumes, julgo que ſaõ dignos da li-

cença, que ſe pede para ſe eſtamparem. Eſte he o meu parecer. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa, 26 de Julho de 1743.

Fr. Franciſco de Santa Thereſa Xavier.

VIſta a informaçaõ, pòdem imprimir-ſe os dous Sermões, de que ſe trata, e depois de impreſſos tornaràõ para ſe conferir, e dar licença, que corraõ, ſem a qual naõ correràõ. Lisboa, 30 de Julho de 1743.

Fr. Rodrigo de Alencaſtre. Teixeira. Soares. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do M.R.P.D. Jozé Barboſa, Academico do numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, Examinador das Tres Ordens Militares, Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, &c.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

VI com toda a brevidade poſſivel os Sermoens das Cadeiras, e de Saõ Franciſco Xavier, prègados pelo M. R. P. M. Franciſco de Almeida da Companhia de JESU, e me parecem

parecem muito dignos da licença, que se pede para se imprimirem. Lisboa nesta Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 2 de Agosto de 1743.

D. Jozé Barbosa. C. R.

VIsta a informaçaõ, pòdem-se imprimir os dous Sermões, de que trata a petiçaõ, e depois de impressos tornem conferidos para se dar licença para correr. Lisboa, 3 de Agosto de 1743.

D. J. A. de L.

DO PAÇO.

Approvaçaõ do M. R. P. D. Antonio Caetano de Sousa, Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

VI os Sermoens, de que a petiçaõ trata, e naõ contèm cousa alguma contra as ordens de V. Magestade, e saõ muy dignos da licença que se pede para os imprimir, pela erudiçaõ de seu Author. Este he o meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa, na Casa de N. Senhora da Divina Providencia, 14 de Agosto de 1743.

D. Antonio Caetano de Sousa. C. R.

QUe ſe poſſaõ imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario: e depois de impreſſos tornaràõ á Meſa para ſe conferirem, e taixarem, e dar licença para que corraõ, que ſem ella naõ correràõ. Lisboa, 18 de Agoſto de 1743.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

Tunc

Tunc acceſſit adorans, & petens.

Matth. 20.

DESGRAÇA he grande do Mundo, e injuria enórme dos noſſos tempos, que as honras decretadas para premio da virtude, ſirvaõ hoje para ſatisfaçaõ da liſonja. Todos louvaõ a virtude, mas ſe as honras ſe poem em concurſo, anda o favor taõ declarado pela parte do vicio, que a virtude quando muito conſegue os louvores, a liſonja ſempre logra os provimentos: aſſim o lamentava já em ſeus tempos hum Poeta Gentio: *Probitas laudatur, & alget.* E porque os pertendentes das honras achaõ o partido do vicio taõ favorecido, e o da virtude tão deſprezado; já não trataõ nos ſeus requerimentos de apurar ſerviços, ſenaõ de refinar liſonjas. Eu o naõ diſſera com tanto arrojo, ſenaõ vira eſte máo exemplo praticado por dous pertendentes, de que faz menção o Euangelho preſente.

Juvenal. Satyr. 1.

Levados

Levados Joaõ, e Diogo, Diſcipulos da eſcola de Chriſto, de huma falſa opiniaõ, que ſeu Meſtre havia de reynar temporalmente, entraraõ em penſamentos altos, e pertenderaõ ſer os primeiros Miniſtros daquelle Reyno, que lhes pintava a ſua errada fantaſia. Como o empenho era grande, e os ſeus merecimentos ainda entaõ avultavaõ pouco, meteraõ por medianeira deſte empenho a propria mãy, eſperando que dos affagos daquelle ſexo, e do parenteſco, que tinha com Chriſto, ſe havia de ſeguir hum deſpacho em tudo correſpondente á ſua expectaçaõ. Aceitou a mãy o memorial dos filhos, e entrando a interceder por elles, a primeira diligencia, que fez, foy chegarſe para Chriſto: *Acceſſit*, a ſegunda adorar: *Adorans*, a terceira pedir: *Petens*. Naõ admirais o modo naõ menos expedito, que raſgado, com que eſta Senhora fez os preambulos da ſua petiçaõ? Naõ parece mulher de hum rude peſcador do mar de Tiberiades, mas ſim eſpoſa do mais polido Eſtadiſta da Corte. Báſta, Senhora, que vindes interceder por voſſos filhos, e quando o voſſo empenho havia de ſer allegar ſerviços para ſollicitar o deſpacho, toda vos occupais em raſgos liſongeiros. Naõ fora melhor gaſtar o tempo em ponderar a reſoluçaõ, com que voſſos filhos deixaraõ a voſſa caſa por ſeguir a eſcola de Chriſto? Naõ era mais acertado encarecer

recer aquelle deſapego, com que largaraõ barcos, e redes, para profeſſar a pobreza mais eſtreita do Apoſtolado? Sim era: logo para que eſquecida dos ſerviços pondes toda voſſa confiança em acceſſos obſequioſos: *Acceſſit*, em adoraçoens liſongeiras: *Adorans*, em petições mal fundadas: *Petens?* He porque já entaõ alcançava eſta mulher, que nos Tribunaes mais podia a liſonja, que a virtude, e que os affagos ſaõ mais poderoſos que os merecimentos para conſeguir hum deſpacho: por iſſo deixando a narraçaõ dos ſerviços, toda ſe emprega em preambulos de liſonja: *Acceſſit adorans, & petens.*

Na Roma antiga, ſegundo eſcreve Livio, o Templo da Honra, e o Templo da Virtude eſtavaõ unidos entre ſi com tal cimetria, e ſe communicavaõ de tal ſorte por huma porta, que ninguem podia entrar no Templo da Honra ſem paſſar primeiro pelo Templo da Virtude. Eſte dezenho era hum aviſo levantado em padraõ publico, com que aquelles Gentios enſinavaõ aos ſeus pertendentes, que a honra ſe deve buſcar pelo caminho da virtude: *Quo ſignificaretur non niſi per virtutem patere aditum ad verum honorem.* Os Chriſtãos porém mais idolatras da honra, que veneradores da virtude, mudaraõ o fim deſta idéa: lançaraõ por terra a Baſilica da Virtude, e levantaraõ huma

Pomey in append. Panth. mythic.

nova

nova fabrica da ſua ambiçaõ, unindo de tal ſorte ao Templo da Honra o Templo da Liſonja, que hoje quem ſe declarar idolatra da honra, de força ha de beijar os altares da liſonja. Contra eſtes idolatras pertendo hoje prègar, e como toda a induſtria do pertendente liſonjeiro ſe funda em tres pontos: chegarſe muito: *Acceſſit*, adorar muito: *Adorans*, pedir muito: *Petens*; eſtes tres muitos da liſonja ſeraõ tambem os pontos deſta minha Oraçaõ. Para os ponderar com acerto me declaro jà pertendente da graça. Imitarey de alguma ſorte o modo, naõ a intençaõ, dos liſonjeiros. Querome chegar, quero adorar, quero pedir; mas chegarme á Mãy de miſericordia, adorar a Rainha dos Anjos, pedir os auxilios neceſſarios á fonte de toda a graça.

AVE MARIA.

Tunc acceſſit adorans, & petens.

A Primeira induſtria do pertendente liſonjeiro he chegarſe muito: *Acceſſit*. Mas quando ſe chega eſte ambicioſo promotor dos ſeus intereſſes? *Tunc*, entaõ, quando aperta a neceſſidade: entaõ, quando ſe deſcobrem motivos de conveniencia: entaõ, quando ſe offerece a conjunçaõ de pedir. Aſ-

ſim

ſim o fez a mãy dos pretendentes, que hoje propoem o Euangelho, porque o tempo de pedir foy para ella a occaſiaõ de ſe chegar: *Tunc acceſſit.* Eſta Senhora (que pelo nome naõ perca) Maria Salomé era huma daquellas devotas matronas, que acompanhavaõ a Chriſto nas ſuas peregrinações, e obſequioſas lhe preparavaõ o ſuſtento. De que ſorte porèm ſeguia Salomé a Chriſto, e ſervia ao Divino Meſtre? *Longo intervallo de longe mulieres erant ſequentes, & miniſtrantes ei*, diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo: ſeguia Salomè a Chriſto com as outras Donas muito de longe, e ſervia muito retirada. Mas tanto que chegou o tempo de interceder pelos filhos, de meter a ſua petiçaõ, de ſollicitar o deſpacho: *Tunc acceſſit*, entaõ chegouſe. O ſeguimento era de longe: *Longo intervallo ſequentes*: as petiçoens faziaõ-ſe de perto: *Acceſſit*: os ſerviços eraõ muy remotos: *De longe miniſtrantes*, as interceſſoens muy propinquas: *Acceſſit.*

Chryſ. in Imperf. Homilia 35. Item Abul. apud Sylv. t. 4. l. 7. c. 36

Eu com tudo naõ me admiro tanto da mãy, quanto dos filhos. Chegouſe a mãy, e chegaraõ-ſe tambem os filhos, adverte o Euangeliſta: *Acceſſit cum filiis ſuis.* Que ſe chegue a mãy, eſtà bem; porque como eſtava muy retirada, de força havia de buſcar lugar mais viſinho, de donde pudeſſe ſer ouvida. Mas os filhos, que já eſtavaõ na comitiva, os filhos, que neſta occaſiaõ

caſiaõ acompanhavaõ de perto a ſeu Meſtre na jornada, que fazia para Jeruſalem: *Aſcendens JESUS Hyeroſolimam aſſumpſit duodecim Diſcipulos*, para que ſe chegaõ mais, ſe já eſtão de póſſe do lado? Tal he a força da dependencia, que arraſta de tal ſorte os homens, que ainda quando eſtaõ chegados, chegaõ-ſe mais. Eſtavaõ Joaõ, e Diogo ao lado como mais familiares para acompanhar a ſeu Meſtre, mas para pedir ainda lhes parecia que eſtavão longe do ſeu Principe. Por iſſo ſe chegão mais, e mais: chegão-ſe para ſerem ouvidos, chegão-ſe mais para ſerem bem ouvidos: chegão-ſe para meter a petiçaõ, chegão-ſe mais para merecer o deſpacho. Com razão chama Tullio a eſta caſta de homens: *Aucupes honorum*, caçadores das honras. Naõ vedes o caçador como poſto na campina, encobrindo-ſe com as arvores, disfarçando a ſilada, quebrando o paſſo, vay pé ante pè chegando-ſe cada vez mais para a innocente aveſinha, ſò a fim de ſegurar o tiro, e naõ malograr o intento? Aſſim fazem eſtes dèſtros caçadores: em pontos de honra, e de conveniencia ſempre poem a mira ao perto para ferir com ſegurança o alvo da ſua ambiçaõ.

Cicer. l. 3 de legib.

Entraraõ os irmãos de Joſeph pelo Egypto a fazer provimento de trigo para quelle anno, e he muito para notar o modo, com que o deſcreve

creve o Texto póſtos á porta do celleiro Real fallando com o Provedor daquella Caſa : *In ipſis foribus accedentes ad Diſpenſatorem domus locuti ſunt: Oramus, Domine, ut audias nos* : Chegando-ſe nas meſmas portas para o Provedor do celleiro, fallaraõ deſta ſorte: Pedimos, Senhor, que nos deis audiencia. Eu naõ reparo já que eſtes homens antes de pedir ſe cheguem para o Provedor, porque os pretendentes ainda quando naõ ſaõ Eccleſiaſticos, lá obſervaõ ſuas rubricas eſpeciaes, e no ceremonial das ſuas liſonjas he já ponto dado, que antes do *Oramus Domine*, pedimos Senhor, deve preceder o *accedentes*, chegando-ſe. Reparo ſómente no *in ipſis foribus*: naõ ſó diz o Texto, que ſe chegaraõ os irmãos de Joſeph para a porta do Miniſtro Real, ſenão que póſtos já na meſma porta, ainda trabalhavaõ por ſe chagarem mais. Eſta he a energîa das palavras: *In ipſis foribus accedentes.* O que poſto, pergunto agora: Eſtes homens naõ pretendiaõ fallar ao Provedor, como fallaraõ: *Locuti ſunt?* Naõ queriaõ meter a ſua petiçaõ, como meteraõ : *Oramus Domine* ? Naõ deſejavaõ ſollicitar o deſpacho, como ſollicitaraõ: *Ut audias nos?* Pois para fallar, para pedir, para ſollicitar naõ lhes baſtava ter entrada na caſa daquelle Miniſtro ? He certo que ſim: logo para que póſtos já na porta, ainda trabalhaõ por ſe chegarem mais ? Genef.c. 43.v.19.

Ipſis foribus accedentes. Para que ? Para ſegurar bem o ſeu negocio. Em materia de conveniencia o eſtar perto naõ baſta para os pretendentes; porque ſaõ humas ſanguexugas famintas, que ſe unem eſtreitamente com a pelle para chupar o ſangue: ſaõ aves de rapina, que ſe chegaõ para o cadaver para lhe comer a carne: ſaõ humas heras raſteiras, e baixas, que ſe abraçaõ com as arvores mais avultadas para ſubir, e lograr o arrimo do ſeu tronco. Bem vejo, que ſaõ muito politicos, e cortezes, mas naõ deixo de conhecer tambem, que ſaõ Eſtadiſtas ardiloſos. Se ſe chegaõ á porta da caſa do Principe, he porque eſperaõ a portaria: ſe cortejaõ o Miniſtro, he porque pretendem o deſpacho. Se o Miniſtro naõ tivera officio publico, como o Provedor de Joſeph, nunca recebera cortezias. Se a porta naõ fora de provimentos, como a do celleiro do Egypto, nunca tivera acceſſos.

Imitaõ muito eſtes homens naõ o defeito dos pés, mas ſim a induſtria da cabeça daquelle coxo, que á porta do Templo de Jeruſalem ſárou o Principe dos Apoſtolos. Tinha o Templo de Jeruſalem varias portas; e que fazia eſte coxo? Deixando todas as outras portas, buſcava ſómente aquella, que por antonomaſia ſe chamava a porta Eſpecioſa: *Ad eleemoſinam ſedebat ad Specioſam portam Templi.* E porque buſcava

Act. c. 3. v. 10.

buſcava o coxo mais á porta Eſpecioſa, do que ás outras portas do Templo? A razaõ dá o meſmo Texto: *Ut petens ab introeuntibus.* Como na porta Eſpecioſa era mayor o concurſo daquelles homens, em cujas bolſas tinia o ouro, e a prata, e as occaſioens de pedir eraõ mais frequentes; por iſſo a devoçaõ do coxo inclinava mais para eſta, do que para as outras portas do Templo. As outras portas davaõ ſómente entrada ás petiçoens, que ſe faziaõ a Deos; a porta Eſpecioſa dava tambem entrada às petiçoens, que ſe faziaõ aos homens: as outras portas eraõ para os devotos portas da caſa da Supplicaçaõ, a porta Eſpecioſa para a ambiçaõ do coxo era porta da caſa da moeda: aſſim o deu a entender a repoſta de S. Pedro: *Argentum, & aurum non eſt mihi*: as outras portas finalmente eraõ portas de miſeria; a porta Eſpecioſa era a porta da miſericordia: *Ad eleemoſinam ſedebat.* E por eſta cauſa o coxo, como inſigne meſtre da conveniencia, pelas outras portas paſſava de largo, para eſta chegava-ſe de perto: para as outras apontava com o dedo, e dizia alli ficaõ: neſta levantava as mãos, e dizia, aqui eſtou: para as outras olhava de paſſagem, neſta eſtava muito de aſſento: *Sedebat ad ſpecioſam portam Templi.*

Os que entraõ de novo nas Cortes, e nas Cidades capitaes, onde ha Tribunaes, Miniſtros, deſpachos, tratos, e contratos, admiraõ-ſe

raõ-ſe muito de ver humas portas taõ frequentadas, outras taõ deſertas; mas he porque naõ reparaõ que eſta porta he eſpecioſa, aquella mal aſſombrada: por eſta entra o Miniſtro nobre, por aquella ſahe o official pobre: eſta he a porta da caſa, onde tinne o ouro, aquella he porta da caſa, onde ſe malha o ferro. Daquella pedra precioſa, a quem chamaõ os Gregos *Chryſolitus*, contaõ os Naturaliſtas huma propriedade admiravel. Se lhe moſtraes huma barra de ferro, fica a pedra deſmayada, entorpecida, immovel: pelo contrario, ſe lhe pondes diante huma barra de ouro, de repente aviva as cores, ſalta a pedra, e vay pelos ares abraçarſe com aquelle precioſo metal. Eſte moto, que em tal pedra he força da ſimpathia, nos pretendentes he exceſſo da ambiçaõ. O Chryſolito levado do impeto natural buſca o ouro, que lhe dá luzimento, e foge do ferro, que lhe deſluſtra as cores: o ambicioſo arraſtado do ſeu intereſſe, chega-ſe ſómente para aquelles ſogeitos, que por ſerem aureos o podem illuſtrar, e enriquecer; e retira-ſe daquelles, que por baixos como o ferro nem luzimento, nem riquezas lhe podem communicar: para o ferro ſaõ Chryſolitos, para o ouro imans: para os pobres pedras de eſcandalo, para os ricos pedras de toque.

Ita Firm, Gyges Gallus.

Mas eu perdoara a eſtes homens o chegarem-ſe

rem-ſe muito, ſe ſe chegaſſem ſempre. Saõ muy adheſivos, mas pouco coherentes: chegaõ-ſe em hum tempo, e retiraõ-ſe em outro. Chegaõ-ſe ao grande, ao valîdo, mas he em quanto o grande póde preſtar, e o valîdo ſervir: ſe o grande deſcahio da fortuna, e o valîdo cahio em deſgraça, já naõ ſe lhe viſita a porta, nem ſe lhe beija a maõ. Se os pretendentes ſe chegaſſem ſempre, poderiaõ os ſeus obſequios parecer filhos da razaõ, mas como ſaõ partos do tempo, padecem varias mudanças: hoje naſcem, àmanhãa eſpiraõ. Daquella arvore, em que ſe vio repreſentada a grandeza, e opulencia de Nabuco, diz Daniel, que em quanto eſteve florente, e carregada de frutos, naõ ſe afaſtavaõ da ſua ſombra as féras, e as aves de ramo em ramo lhe cantavaõ os applauſos: *Subter eam habitabant beſtiæ, & in ramis ejus converſabantur volucres Cœli.* Dan.c.4. v. 9. Eis que manda Deos cortar eſta arvore: *Succidite arborem*, e ao primeiro golpe, que ſoou para ſua ruina, fugiraõ as féras, e eſpantaraõ-ſe as aves: *Fugiant beſtiæ, & volucres de ramis ejus.* Vinde cá féras ingratas, aves deſagradecidas, ſe buſcaes a ſombra deſta arvore, em quanto eſtà florente, ſe lhe aſſiſtís com muſica, em quanto carregada de frutos, porque a deſamparaes agora depois de cahida, e cortada? *Fugiant beſtiæ, & volucres.* Porque os noſſos obſequios, a noſſa aſſiſtencia, reſpon-

reſpondem eſtas, e outras aves, eſtas, e outras féras, ſaõ partos do tempo, com o tempo começaraõ, com o tempo acabaraõ. Até agora tinhamos na arvore tronco para arrimo, ſombra para amparo, ramos para o deſcanço, frutos para o goſto, flores para o agrado: como cahio já a arvore, e com a ſua ruina acabaraõ todas eſtas conveniencias, eſpiraraõ tambem os noſſos acceſſos: a arvore por terra: *Succídite arborem*, os obſequios pelos ares: *Fugiant volucres.*

E que remedio haverà para corregir a ingratidaõ deſtas aves, e a torpe correſpondencia deſtas féras? O remedio enſinou, e praticou hoje Chriſto com os ſeus pretendentes. Aquelles dous Diſcipulos, que ao lado de ſua Mãy ſe chegaraõ para Chriſto levados da ſua conveniencia: *Acceſſit cum filiis ſuis*, ſaõ aquelles meſmos, que no Horto, quando o Senhor foy prezo, fogiraõ com os outros Condiſcipulos, e deſampararaõ a ſeu Meſtre: *Relicto eo fugerunt.* Chriſto porèm, que penetrava os futuros mais diſtantes, como ſe olhaſſe mais para a deſattençaõ, que lhe haviaõ de fazer em outra fortuna, do que para os obſequios, que lhe faziaõ no eſtado preſente, recebeo o acceſſo deſtes pretendentes com hum vexame: *Neſcitis*, e a ſua petiçaõ com hum naõ redondo: *Non eſt meum dare vobis.* O certo he, Senhores, que

Matth.c. 27.v.56.

ſe

ſe no Mundo naõ houveſſem patronos imprudentes, naõ haveriaõ pretendentes ingratos. Se os homens, que na Republica ſaõ arvores de alto tronco, naõ franqueaſſem com tanta facilidade a ſua ſombra a eſtas féras, e naõ deixaſſem pôr pè em ramo verde a eſtas aves; eu vos prometto que féras, e aves, ou ſe chegariaõ ſempre, ou nunca: ſempre, como coherentes nos ſeus obſequios; nunca, como temeroſos da repulſa. Mas como a ſombra deſtas arvores ſe franquea ſem eleiçaõ, e os frutos com facilidade ſe diſpenſaõ; por iſſo eſtes homens ſe chegaõ á ſombra como animaes, e retiraõ-ſe como féras: buſcaõ como aves de rapina os frutos, e fogem depois como brutos irracionaes: *Fugiant beſtiæ, & volucres.*

A ſegunda induſtria do pretendente liſonjeiro he adorar: *Adorans.* Reparo eu, e comigo muitos outros, que naõ ſòmente Salomè, que era interceſſora, ſenaõ tambem os filhos, por quem intercedia, entraſſem a adorar a Chriſto, quando ſe metia o memorial da ſua pretençaõ: *Acceſſit cum filiis ſuis adorans.* Parece que pedia a boa direcçaõ, que ficando os filhos de parte, entraſſe ſómente a mãy a cortejar a Chriſto. Se por conta da mãy correm as diligencias deſte empenho, á ſua cuſta ſe faça o gaſto dos comprimentos: logo para que acompanhaõ os filhos os raſgos, e cortezias de ſua mãy? Para ren-

der com mayor empenho a vontade de Chriſto, e facilitar mais o deſpacho da petiçaõ, diz o Angelico Doutor: *Reverentia exhibita petit, ut quod petierit, ſibi detur.* Como a petiçaõ era muito importante, e o deſpacho difficultoſo, multiplicou as adoraçoens para ſegurar bem o deſpacho. Como ſe fizera Salomé eſte diſcurſo: Se eu unicamente adoro a eſte Senhor, de quem dependo, leva huma unica adoraçaõ: pois para que ſe naõ perca o negocio por falta de cortezias, entrem tambem a adorar os meus dous filhos, e levarà tres raſgadas adoraçoens. Naõ ſerà juizo temerario, ſe diſſer que muito ſentio eſta Senhora na preſente occaſiaõ naõ ter ainda vivo ao Zebedeo ſeu marido, e eſtar Chriſto de caminho para Jeruſalem taõ acelerado; porque ſe o marido eſtá vivo, e Chriſto lhe dá tempo para convidar as outras Marias, entra toda a familia neſtes comprimentos. Entra o marido com cortezias de velho, a mulher com os empenhos de mãy, os filhos com adoraçoens de intereſſados, as Marias com affagos mulherîs; e ſeria hum nunca acabar ver a Chriſto por todas as partes cercado de cortezias, e cheyo de adoraçoens, mas cortezias para pedir, e adoraçoens para alcançar o deſpacho: *Acceſſit adorans, & petens.*

D. Thom & Chryſ. apud Sylv. ubi ſupra c. 6

E qual ſerà a cauſa deſtas cortezias taõ compridas, e adoraçoens taõ raſgadas? A cauſa

ſa he a falta de merecimentos, e exceſſo de ambiçaõ. Como faltaõ aos pretendentes os ſerviços para alcançar o cargo honorifico, que pretendem; querem levar as honras a troco de cortezias, quando ſó ſe devem conceder á razaõ de merecimentos. Por iſſo tanto que ſe offerece a occaſiaõ de pedir, fervem as adorações; e ainda que ſejaõ mais altivos, e ſoberbos que Lucifer, ſe ha dependencia, abatem facilmente o collo rendidos, e dobraõ o joelho reverentes. Entrando Chriſto pela Cidade dos Geraſenos, eis-que lhe ſahe ao encontro huma legiaõ de demonios, e o adora com profunda reverencia: *Videns JESUM à longe, cucurrit, & adoravit eum.* Os demonios adorando a Chriſto, quem tal crera, ſenaõ fora verdade Euangelica? Naõ ſaõ os demonios aquelles eſpiritos obſtinados, e rebeldes, que em outro tempo por ſe naõ ſogeitarem à Humanidade Santiſſima de Chriſto, foraõ condemnados às penas eternas do Inferno? Aſſim o enſina a melhor Theologia: pois como trocada agora eſta altivez em rendimento, adoraõ os demonios aquella meſma Humanidade, que em outro tempo deſpreſaraõ? Ah que eſtas adoraçoens dos demonios naõ eraõ naſcidas da vontade, ſenaõ obrigadas do intereſſe: naõ adoravaõ a Humanidade de Chriſto, idolatravaõ a ſua conveniencia, diſſe alta, e profundamente o Doutor Maximo:

Marc. c. 5. v. 6.

Hier. in c.8. Matth. apud Sylv. ubi supra.

Adoratio damonis non erat ex affectu voluntatis, ſed ex ſpe lucri, ac obtinendi optata. E ſenaõ notem. Vinha eſta legiaõ de demonios apreſentar hum memorial a Chriſto, no qual lhe pediaõ com empenho, que os naõ lançaſſe fóra do territorio dos Geraſenos: *Deprecabantur eum multum, ne ſe expelleret extra regionem.* E como os demonios por inimigos de Deos naõ tinhaõ merecimentos, que apreſentar na ſua petiçaõ, na falta deſtes appellaraõ para as adoraçoens. A dependencia, que tinhaõ de Chriſto, os fez taõ rendidos, que logo na primeira entrada levou o Senhor cinco mil e quatrocentas adoraçoens, que tantos demonios continha aquella infernal legiaõ: porque he induſtria verdadeiramente diabolica dos pretendentes multiplicar cortezias para ſegurar deſpachos. Em quanto naõ dependem eſtes homens, ſaõ huns demonios altivos; mas tanto que chega o tempo da dependencia, ſaõ huns Anjos rendidos: antes do intereſſe eſpiritos malignos, que a todos tentaõ; na occaſiaõ de conveniencia Anjos da guarda, que a todos acompanhaõ. Em fim ſaõ os pretendentes homens por natureza, Anjos nas cortezias, demonios nas traças, de que uſaõ para ſegurar os ſeus deſpachos.

E quanto melhor fora, que os pretendentes neſta materia naõ ſe portaſſem nem como homens, nem como Anjos, ſenaõ como Deoſes?

O

O predicado, de que Deos mais ſe préza, he da independencia do ſeu ſer, e do ſeu obrar. Todos dependem de Deos, e Deos naõ depende de ninguem. Deos deſpacha, e naõ pretende, dá, e naõ pede. Imitay do modo, que pòde ſer, eſta fidalguia do noſſo Soberano. Se ſois taõ divinos nos voſſos pondonores, para que ſois taõ humanos nas voſſas pretenções? Naõ vedes, que adorar hoje para ſeres àmanhãa adorado, he desfazer huma honra para eſtabelecer outra? Ouvi a Santo Ambroſio: *Habet ambitio domeſticum periculum, ut enim dominetur aliis, prius ſervit: curvatur obſequio, ut honore donetur, & dum vult eſſe ſublimior, fit dimiſſior.* Quereis ſobir com o cargo, e deſceis com o joelho á terra: quereis levantar a cabeça com o poſto, e abateis ao meſmo tempo o collo com a dependencia: quereis com a dignidade dominar aos outros, e ſogeitayvos ao patrono com indignidade da voſſa peſſoa. Triſte cargo pretendeis, que antes de vos exaltar com a honra, já vos abate com o pezo: indigna dignidade, que ainda vos naõ collocou ſobre a cabeça de alguns, e já vos traz por baixo dos pès de todos. Atè onde podeis chegar com eſta honra que eſperaes? Entrar no predicamento de homem nobre, e conſeguir a reputaçaõ de grande perſonagem? Mais vos exalta a independencia, e deſapego deſſa honra, que vos pòde conſti-

conſtituir hum Semideus na terra: porque aſſim como o homem ambicioſo, que ſe abate para ſobir, que adora para ſer adorado, moſtra a baixa inclinaçaõ da natureza humana; aſſim pelo contrario o homem brioſo, que ſabe ſuſtentar a ſua independencia a pezar da ambiçaõ, participa muito da fidalguia Divina, e quanto menos humano ſe moſtra nas adoraçoens, tanto mais Divino ſe oſtenta pela ſua independencia.

Duvidoſo andava o demonio, e muy vacillante àcerca da Divindade de Chriſto. Via aquella Humanidade Santiſſima padecer trabalhos, fomes, e ſedes, e parecialhe que naõ podia ſer Deos, quem pagava eſtas penſoens á natureza humana. Reflectia porém nos ſeus milagres, e arguía que naõ era puro homem, quem obrava prodigios ſobre as forças da natureza. Neſta perplexidade vede as premiſſas, de que uſou, para tirar huma concluſaõ certa da Divindade. Buſcou a Chriſto no deſerto, e moſtrando-lhe todos os Reynos do Mundo, como repreſentados em hum mappa, tentou-o deſta ſorte com a ambiçaõ das honras: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.* Todos eſtes Reynos, que aqui vés repreſentados, te offereço, ſe proſtrado por terra me adoras. Bem ſe póde comprar com huma unica genuflexão a vaſſallagem de tantas Monarquias. Eſte argumento,

Matth.c. 4.v.8.

mento, de que uſou o demonio, ſe pelo que tem de tentativo, pòde-ſe chamar diabolico, pelo que tem de agudo, he verdadeiramente Angelico. Como ſe diſcorrera o demonio deſta ſorte, e reduzira a força da ſua illaçaõ a eſte apertado dilemma: Se eſte vulto, que aqui vejo, macilento com o jejum, e attenuado com a penitencia, à viſta das honras, que lhe offereço, ſe deixa levar da ambiçaõ, e dobrando o joelho me tributa adoraçoens, conhecido eſtá, he puro homem; porque ſó nos baixos eſpiritos de hum puro homem cabe a reſoluçaõ de abaterſe para ſobir, de adorar para ſer depois adorado. Pelo contrario, ſe deſprezar as honras promettidas, ſe me negar as adoraçoens, que pertendo, tenho concluido, não he puro homem, he juntamente Deos; porque ſó hum homem divinizado, ou hum Deos humanado póde ſuſtentar a ſua independencia à viſta de taõ grandes incentivos da ambição. E não ſe enganou o demonio: porque ſe Chriſto na fome, que padeceo no deſerto, moſtrou que era homem; nas honras, que deſprezou, moſtrou a fidalguia da ſua Divindade. Tão longe eſteve de adorar o demonio brindado com a eſperança das honras, que antes demandou para ſi todas as adoraçoens fundado no direito de huma Eſcritura publica: *Vade Satana: ſcriptum eſt enim: Dominum Deum tuum adorabis.* E que ſendo o deſ-

apego

apego das honras taõ evidente demonſtraçaõ da Divindade, haja ainda homens tão pouco entendidos, que podendo pela ſua independencia alcançar o foro de Divinos, queiraõ antes dependentes ſuſtentar as penſoens de humanos, he delirio, he cegueira de entendimento?

Combinay agora a ſoberba deſte demonio, que tentou a Chriſto no deſerto, com o rendimento daquelles outros demonios, que adoraraõ a Chriſto no contorno dos Geraſenos. O demonio do deſerto muy ſoberbo, muy divino, promettendo Reynos a troco de adoraçoens: os demonios do povoado muito humildes, muito humanos, fazendo genuflexoens pelo intereſſe de hum deſpacho. Que vos parece a variedade deſtas duas ſcenas? Pois naõ vos admireis; porque figuras taõ varias a cada paſſo ſe encontraõ no theatro deſte Mundo. Em qualquer Republica vereis huns demonios muito humildes, outros muito ſoberbos; huns muito humanos nas ſuas acçoens, outros muito divinos no ſeu trato; eſtes adorados, aquelles adorando. Os demonios humildes, os demonios humanos, os demonios adoradores ſaõ os pretendentes liſonjeiros, que compraõ muitas vezes huma baixa conveniencia àcuſta de cortezias taõ altas, diſpendendo mais do que ganhaõ. Saõ eſtes homens de eſpiritos altivos, mas não altos: altivos pela eſperança, que concebem de

ſobir:

ſobir : não altos pelas baixezas , que devoraõ para valer. Imitão em tudo a vileza dos demonios , de que fallamos , os quaes levados da conveniencia de entrar nos corpos dos animaes mais immundos , que paſtaõ no campo , naõ duvidáraõ por taõ vil apoſentadoria dobrar o joelho , e tributar adoraçoens: *Mitte nos in porcos: cucurrit, & adoravit eum.* Os demonios ſoberbos , os demonios divinos , os demonios adorados , ſaõ os patronos deſtes liſonjeiros ; porque ſe a ſua ſoberba aſſoprada da aura popular chega a ſer Luciferina; a ſua fantaſtica ſoberania incenſada por eſtes idolatras concebe taes fumos , que chega a preſumir de divina : de ſorte que com a humildade fingida de huns demonios creſce o deſvanecimento verdadeiro dos outros , e ao meſmo compaſſo que eſtes ſe moſtraõ mais humanos , aquelles ſe fazem mais divinos.

E quem poderá corrigir a humildade indiſcreta de hum , e abater a ſoberba mal fundada de outros demonios? Quem? O homem brioſo , que ſabe ſuſtentar a ſua independencia a pezar da ambiçaõ : o homem benemerito , que confia mais no valor dos ſeus merecimentos , do que na valia das ſuas liſonjas ; porque ſenaõ houveſſem adoraçoens liſonjeiras no Mundo , naõ haveriaõ divindades preſumidas na terra. Chegou Aman na Corte de Aſſuero

a taõ a'to gráo de valimento, que todos os moços Palatinos dobravaõ o joelho na ſua preſença. Andava Aman com eſtes cortejos muito arrogante, e inſolente. E jà aqui tornamos a encontrar huns demonios adorando, e outro deſvanecido com as adoraçoens. Cruzava no meſmo tempo as portas do palacio Mardocheo Principe naõ menos brioſo, que deſtemido, o qual entre tantos liſonjeiros foy o unico, que teve valor para quebrar o orgulho, e abater os fumos de Aman. Paſſava Aman, ſentava-ſe Mardoqueo: mandava Aman, naõ obedecia Mardoqueo. Em fim: *Solus Mardocheus non flectebat genu, neque adorabat eum.* Só Mardoqueo naõ adorava a Aman. E porque ſó Mardoqueo naõ dobrava o joelho a eſta divindade? A razaõ colhe-ſe da meſma Eſcritura. Mandou Aſſuero em certa occaſiaõ para divertir o tedio de huma noite ler os Annaes, e Chronicas do ſeu tempo, e entrando o lente a recitar, encontrou logo na primeira pagina hum capitulo, que contava a fidelidade, com que Mardoqueo deſcobrio a aleivoſia de dous criados, que pretenderaõ tirar a vida a Aſſuero ſeu Monarcha: *Ventum eſt ad illum locum, ubi ſcriptum erat, quomodo nuntiaſſet Mardocheus inſidias Eunuchorum Regem jugulare cupientium.* Admirado Aſſuero de taõ relevante ſerviço, manda dobrar a folha, e premiar promptamente eſta generoſa acçaõ de Mar-

Eſther.c. 3.v.2.

Ibid.c.6. v.2.

Mardoqueo. Sabem já porque ſó Mardoqueo naõ adorava a Aman? He porque ſó elle tinha ſerviços authenticados no arquivo Real: e como confiava nos ſeus merecimentos, e muito mais nos ſeus brios, naõ lhe era neceſſario uſar de liſonjas para fazer papel na Corte. Os outros Palacianos, como corrida a folha, naõ ſe achava hum *Scriptum erat*, huma certidaõ authentica dos ſeus ſerviços para bem dos ſeus requerimentos, na falta de merecimentos recorriaõ para as adoraçoens. Queriaõ levar por idolatras de Aman as honras, que levou Mardoqueo por ſyncéro venerador, e fiel vaſſallo do ſeu Principe. Day-me cá homens, cujos merecimentos andem em Chronicas, e os ſeus ſerviços nos Annaes da fama, que eu vos darey muitos Mardoqueos independentes, e naõ poucos Amans abatidos. Mas como os pretendentes deſte tempo querem ſer filhos da folha, e comer penſoens Reaes, quando nos cartorios ſe naõ acha huma unica letra, que ſeja conſoante dos ſeus ſerviços; por iſſo ſe fazem idolatras, adorando a tantos idolos da ſoberba: que aſſim chama Deos pelo ſeu Profeta aquelles Miniſtros deſvanecidos, que como divindades querem ſer adorados na terra: *O' paſtor, & idolum: idola eos vocat, quia tunquam Deos volunt adorari*, glozou a eſte intento huma douta Penna Carmelitana. Sylv. ubi. ſupr. Item Lyran. ad c. 8. Ezech.

A terceira, e ultima induſtria do pretendente liſonjeiro he pedir muito: *Petens.* O pedir he o fim a que ſe dirigem os acceſſos obſequioſos do ambicioſo: *Acceſſit.* O pedir he o objecto de attribuiçaõ, a que ſe ordena todo o tratado das ſuas liſonjeiras adoraçoens: *Adorans.* Nunca os irmãos de Joſeph ſe chegariaõ á porta do Provedor do Egypto, ſenaõ fora para pedir: *Oramus Domine.* Nunca o coxo buſcára a porta Eſpecioſa do Templo, ſe naõ fora levado da conveniencia de pedir eſmolas: *Sedebat ad eleemoſinam.* Nunca o demonio adorára a Chriſto, ſenaõ houveſſe de pedir o domicilio dos Geraſenos: *Deprecabatur eum multum.* O pedir finalmente em todos he a concluſaõ, o chegarſe, e adorar ſaõ as premiſſas. Saõ os pretendentes Rhetoricos inſignes, e Logicos eminentes. Como Rhetoricos ſabem perorar com empenho pela ſua cauſa, como Logicos ſabem concluir com deſtreza o ſeu deſpacho. As liſonjas, de que uſaõ, ſaõ paralogiſmos laudativos, que enganaõ; mas as petiçoens, que fazem, ſaõ ſofiſmas capcioſos, que apanhaõ. A ſua induſtria porém naõ conſiſte em pedir muito, ſenaõ em diſfarçar com rodeos o muito, que pedem. Fallemos claro: pedem muito na ſubſtancia, e affectaõ pedir pouco nos accidentes. Como eſta palavra *Peço* para hum animo nobre, e brioſo he muy dura

de

de proferir: *Durum illud verbum ingenuis animis, Rogo*, diz o Seneca, que fazem os pretendentes com a ſua induſtria? Modificaõ de tal ſorte eſte verbo, que fique ſuave para a pronuncia, e naõ aſpero para os ouvidos.

Aſſim o praticou hoje a Mãy dos noſſos Pretendentes. Entrou Salomè a interceder pelos filhos na preſença de Chriſto, mas entrou, diz o Euangeliſta, fazendo huma petiçaõ indefinida, e confuza: *Petens aliquid ab eo: aliquid in communi, & in confuſo*, accreſcenta hum Expoſitor. Vendo Chriſto a propoſta da interceſſora taõ palliada na intençaõ, e diminuta nos termos, manda-lhe que declare o theor da petiçaõ: *Quid vis?* Que quereis? Quero reſpondeo ella, que façaes a eſtes dous filhos meus, e Diſcipulos voſſos os primeiros Miniſtros do voſſo Reyno: *Dic ut ſedeant hi duo filii mei.* Póde haver petiçaõ mais importante, e difficultoſa? E com tudo quando entrou eſta mulher a fallar, uſou de huma propoſta taõ palliada, e de huns termos taõ diminuentes, que parecia apreſentar hum memorial de pouco momento: *Petens aliquid ab eo: aliquid in communi, & in confuſo.* Porque eſta he a induſtria antiga dos pretendentes, pedir muito na ſubſtancia affectando pedir pouco no modo, para facilitar o deſpacho: *Rem parvam dicunt, ut facilius impetrent.* Confirmemos eſte pen-

Sylv. ibidem.

penſamento com o exemplo de outra mulher.

Pretendeo Adonias a Abizay por eſpoſa: mas como naõ podia conſeguir eſtes deſpoſorios ſem faculdade de Salamaõ ſeu Principe, meteo a Berſabé por medianeira da ſua pretençaõ. Entra Berſabè a orar a favor de Adonias, e as primeiras palavras, com que rompeo o ſilencio, foraõ eſtas: *Petitionem unam parvam ego deprecor à te*: venho-vos apreſentar, meu filho, huma petiçaõ de pouco momento, e importancia, *Petitionem parvam.* Eſte foy o exordio do memorial: e o fim qual ſeria? Tanto que Salamaõ penetrou os termos mais particulares daquella petiçaõ, pouco ſatisfeito do empenho reſpondeo deſta ſorte: *Poſtula ei & regnum.* Sabeis, mãy minha, o que vindes pedir? Cuidaes que pedis, eſpoſa, e demandaes o Reyno para Adonias. Adonias naõ ſe quer deſpoſar, quer reynar: naõ procura o thalamo, pretende o thrôno: huma couſa diz, e outra deſeja. De ſorte que aquella meſma petiçaõ, que na boca de Berſabè, que intercedia, era de pouco pezo: *Petitionem parvam*, no juizo de Salamaõ, que deſpachava, era de taõ altas conſequencias, que jogava com a perdiçaõ de todo o ſeu Reyno: *Poſtula ei & regnum.* Bem penetrava Berſabè os inconvenientes daquella petiçaõ: mas como fazia o officio de medianeira, e as partes de Adonias pretendente, para faci-

Reg. 3. c. 2. v. 20.

facilitar com induſtria o deſpacho, diminuîa com as palavras a difficuldade da petiçaõ, e ſuaviſava a dureza do memorial: *Petitionem unam parvam ego deprecor á te.*

Eſtes ſaõ os ſofiſmas, de que uſaõ frequentemente os pretendentes para colher, e apanhar. Pretende o ſoldado, que militou nas fronteiras, pretende o vaſſallo, que ſervio nas Conquiſtas, pretende o Miniſtro, que arreſoou nos tribunaes. Mas ſe o Principe perguntar a cada hum deſtes pretendentes, como Salamaõ a Berſabè, ou como Chriſto a Salomè, que ordena de ſeu ſerviço, que requerimento he o ſeu? *Quid vis?* Reſponderáõ todos pela meſma boca: *Petitionem parvam ego deprecor*: o noſſo requerimento he de pouco momento; mas lidos, e examinados os memoriaes, acha que o ſoldado requer o poſto mais alto da milicia, o vaſſallo a commenda mais pingue da Corte, o Miniſtro o Deſembargo mais nobre do Paço. Todos affectaõ pedir pouco no modo, mas na ſubſtancia todos pedem mais, do que ſe lhes deve. E a razaõ deſtas ficçoens vem a ſer: como conhecem os pretendentes, que a mercé, que pedem, excede muito o valor dos ſerviços, que apreſentaõ; vem-ſe obrigados a huma de duas ficçoens, ou augmentar os ſerviços com informaçoens falſas, ou a diminuir a mercé com petiçoens cavilloſas.

Agora

Agora entendo eu a razaõ, porque eſtes homens com deſcredito muitas vezes das ſuas peſſoas, e naõ menor deſabono dos ſeus merecimentos elegem mulheres por medianeiras dos ſeus requerimentos. Como as ſuas petiçoens neceſſitaõ de tanto fingimento, para lograr o deſpacho deſejado, perſuadem-ſe que para fingir naõ ha entendimento mais agudo, que o de huma mulher. E naõ ſe enganaõ. Pretenderaõ os Diſcipulos as duas Cadeiras principaes do Reyno de Chriſto, e pretendeo Adonias os deſpoſorios de Abizay: mas como os merecimentos dos Diſcipulos naõ eraõ ainda ſufficientes, e os ſerviços de Adonias naõ baſtavaõ para taõ alta petiçaõ; ambas eſtas partes ſe valeraõ da induſtria de huma mulher: Os Diſcipulos valeraõ-ſe de Salomé ſua mãy, Adonias de Berſabé ſua Rainha. Salomè com adoraçoens liſonjeiras quiz augmentar os merecimentos dos filhos, Berſabè com palavras cavilloſas quiz diminuir o exceſſo da petiçaõ de Adonias. Pòde haver induſtria mais refinada? Todos os pretendentes ſaõ oradores: eſtes ſaõ Oradores, e juntamente Poetas: Oradores pelo que pedem nos ſeus requerimentos, Poetas pelo que fingem nos ſeus ſerviços. Mas ou ſejaõ Oradores, ou Poetas, julgaõ que para orar por elles ſaõ mais eloquentes as Tulliolas que os Tullios, e que para fingir melhor fantaſia tem as Lesbias, que

que os Catullos. Levados deſte conceito, tanto que ſe offerece hum empenho, onde ha de valer mais a ficçaõ, do que a verdade, deſprezaõ os Tullios ſincéros, e buſcaõ as Tulliolas fementidas: querem antes que a ſua cauſa paſſe pelas mãos de huma Lesbia aſtuta, do que pela de hum Catullo eloquente.

Deſterrado Abſalaõ da Corte, empenhouſe Joab em o introduzir outra vez na graça, e Palacio de David ſeu pay. Mas porque as deſattenções de Abſalaõ eſtavaõ ainda muy freſcas na lembrança de David offendido, e a concordia de ambos dependia mais da induſtria, do que do empenho do medianeiro; a quem cuidaes vòs, que tomaria Joab por inſtrumento deſta reconciliaçaõ? Elegeria por ventura a Architofel, homem verſado nas politicas da Corte, Conſelheiro de David, Oraculo de Iſrael? Naõ: com toda eſta prudencia naõ ſervio Architofel. Tomaria a Chuſay por ſer moço familiar da Caſa Real, vaſſallo fiel do ſeu Principe? Muito menos: com toda ſua familiaridade naõ preſtou Chuſay. A quem pois elegeo? Admiray o deſignio: là foy deſcobrir huma mulher Thecuitis, e ſó deſta fiou a diligencia de negocio taõ importante: *Miſit Thecuam, & tulit inde mulierem ſapientem, & dixit ad eam: ingredieris ad Regem, & loquèris ad eum.* Pòde haver aſſumpto mais extravagante? Para alcan- Reg. 2. c. 14. v. 2.

çar de David o perdaõ para Abſalaõ naõ ſerve Architofel com a prudencia de Conſelheiro, naõ ſerve Chuſay com a familiaridade de aulico, naõ ſerve o meſmo Joab com os merecimentos de General das Armas; e ſó ha de ſervir huma mulher com o ſeu corpo gentil, tal vez ſem prudencia, ſem familiaridade, ſem merecimentos? Sim: porque entendeo Joab, que aquelle empenho naõ ſe havia de levar ao cabo, nem por prudencia, nem por familiaridade, nem por merecimentos, ſenaõ por induſtrias, e fingimentos. E ſenaõ, vede o que diſſe Joab á ſua medianeira nas inſtrucçoens, que lhe deu: *Lugere te ſimula, & induere veſte lugubri, ut ſis quaſi mulier lugens mortuum.* Vay Thecuitis, entra a fallar com o Rey, finge porém tres couſas, lagrimas nos olhos, luto no veſtido, viudés no teu eſtado. E como eſta entrada ſe havia de fazer com huma fabrica taõ induſtrioſa, e a petiçaõ do perdaõ ſe havia de alcançar com tantas ficçõẽs, acertado andou Joab na eleiçaõ da ſua medianeira; porque para fingir hum affecto, para ordir hum enredo, para armar huma farça naõ ha talento, que ſe compare com o de huma mulher. Chora ſem pena, ri ſem goſto, finge luto ſem cauſa: he viuva antes de enterrar o marido, caſada antes de receber o eſpoſo, mãy antes de ter filhos. Tudo ſerá, tudo fingirá, ſe

aſſim

aſſim lho pedires, ſe aſſim lho mandares.

E ſe vos parece encarecimento, vede a conta, que deu de ſi a noſſa Thecuitis. Entrou finalmente a fallar a David, e pedindo-lhe Joab que fingiſſe lagrimas, luto, e viudès, ella inda fingio mais, do que ſe lhe pedio. Introduzio huma parabola, na parabola fingio filhos, nos filhos fingio diſcordia, na diſcordia fingio a morte de hum, na morte de hum fingio a perſeguiçaõ dos parentes, na perſeguiçaõ dos parentes fingio recurſo para a Coroa: de ſorte, que ſendo as ficções pedidas pelo intereſſado ſómente tres, as accreſcentadas de moto proprio pela medianeira foraõ cinco, e com eſtas oito ficções concluio, o que deſejava, e alcançou o que pedia: Abſalaõ ficou abſolto, e Joab deu-ſe por bem ſervido. E ſe quando os intereſſados ſaõ taõ benemeritos como Joab, e os pretendentes taõ illuſtres como Abſalaõ, e o Principe, que ha de deſpachar, taõ magnanimo como David, ainda aſſim os requerimentos neceſſitaõ de tantas ficções; de quantos enredos naõ neceſſitarà o requerimento de hum homem, que eſtá alcançado nos merecimentos, pouco illuſtrado da nobreza, e muito menos adiantado na graça do Principe? De força ha de eſte miſeravel buſcar o patrocinio de alguma mulher, que ſaiba com a ſua induſtria fingir os merecimentos, augmentar a nobreza, facilitar

cilitar o valimento, para que a mercé, que pretende, naõ pareça exceder os ſerviços, e os ſerviços deſta ſorte ſe conformem com a mercè. E ſemelhantes meadas tecem-ſe com mais deſtreza no eſtrado de huma Thecuitis, do que na banca de hum Architofel; porque o Oraculo, que mais veneraõ eſtes homens, he o de Apollo, que dava repoſtas por boca de mulheres, e as ficçõeſ pelo eſtro das Muſas. E oxalà paraſſem aqui as pernicioſas idéas da ambiçaõ! De Joab diz o Texto, que puzera as palavras na boca de Thecuitis: *Poſuit Joab verba in ore ejus.* A muito mais ſe arroja o deſpejo de outros pretendentes, que naõ ſó poem as palavras na boca, ſenaõ tambem na face das ſuas medianeiras, eſperando com eſcandalo do Mundo, que eſtas oradoras perſuadaõ mais com a figura do ſeu roſtro, do que com as figuras da ſua Rhetorica. Como as mercès, que pretendem, ſaõ graças, que faz o Principe, aprenderaõ das Fabulas a buſcar as graças na comitiva de Venus.

Ibidem v. 3.

Ponderadas aſſim as induſtrias dos pretendentes liſonjeiros, ſó me reſta por ultimo darlhes tres conſelhos de amigo. O primeiro empenho deſtes liſonjeiros, he chegarem-ſe muito para ganhar a graça dos ſeus patronos. Por iſſo meſmo ſe deveraõ chegar menos. Os Principes tem os braços muy compridos, e a liberalidade

ralidade das ſuas mãos ſe eſtende aos objectos mais diſtantes. Principe dos Aſtros he o Sol, e a Lua quanto mais delle ſe retira, mais participa da ſua luz, e apparece mais luſtroſa, diz Apuleyo: *Quantò longius abit à Sole, tantò longiùs illuminatur.* Se porque preſumem de netos da Lua eſtes homens, tanto ſe empenhaõ em procurar o ſeu luzimento; por iſſo meſmo ſe devem retirar mais, porque naõ faltará hum Sol, que de longe os illuſtre com aquelles meſmos rayos, cuja communicaçaõ impedem tal vez os ſeus acceſſos importunos. O ſegundo empenho depois dos pretendentes he adorar para ſerem adorados. Eſte he o mayor engano. Aquella flor, que no jardim mais ſe empenha em adorar as eſtações, por onde gyra o Sol: *Veſtigia Solis adorat*, nem por iſſo he a maravilha do prado, nem a Rainha das flores: Là eſtà a purpura da roſa, que adorando menos ao Sol, he mais adorada: Là eſtà a candura do lyrio, que ſem diſpender liſonjas ao ar, he na Republica das flores a recreaçaõ dos olhos, e as delicias do olfato. Imitay eſtes exemplos da natureza gyraſoes racionaes, e entendey que nem por iſſo haveis de ſer mais bem viſtos, e cheirados, porque ſois mais liſonjeiros. O terceiro empenho dos pretendentes he pedir muito. Naõ ſey como eſta reſoluçaõ cabe em animos preſumidos de fidalgos; porque aſſim como o mayor primor

da

da fidalguia he o dar, assim a mayor afronta da nobreza he o pedir. Como as petições tem muitas vezes por conclusaõ huma repulsa, quem abre a boca para pedir, expoem juntamente a face ao desdem. Hum *non* he, diz o Rifaõ Espanhol, hum *Neron* syncopado; e quem pede muito, naõ està isento de experimentar os rigores deste tyranno. Eu antes quizera viver sempre confessor da minha necessidade, do que acabar nas mãos deste Nero feito Martyr da ambiçaõ. Cheguem-se pois os pretendentes para aquelle Senhor, que a todos recebe com benevolencia: adorem aquella Magestade, que quanto he mais Divina, mais humana se mostra: apresentem os seus memoriaes àquelle Soberano Monarca, que ainda quando nega, concede: nega o que nos pòde levar para a perdiçaõ; mas isto mesmo he hum grande beneficio, com que nos dispoem para a salvaçaõ, e felicidade eterna: *Ad quam nos, &c.*

FIM.